

## **Novos diálogos entre a cibercultura e o telejornalismo: impressões sobre a cobertura da pior chuva das últimas quatro décadas no Rio de Janeiro<sup>1</sup>**

Joice de Araújo Reis<sup>2</sup>  
Heloiza Beatriz Cruz dos Reis<sup>3</sup>  
Universidade Veiga de Almeida, Cabo Frio, RJ

### **Resumo**

Ao constituir uma nova estética social, a cibercultura instaura novos paradigmas em todos os campos da cultura contemporânea. Em um cenário de arranjos que privilegiam a ênfase num presente caótico; a aceleração da informação e consequente fragmentação do conteúdo; a possibilidade múltipla de escolha e interatividade; os telejornais empreendem um esforço de renovação. A partir da observação de uma amostra de forte impacto social, como a retratada pela cobertura da pior chuva das últimas quatro décadas no Rio de Janeiro, buscamos apreender de que forma esse movimento, projetado por linguagens e formatos mais fluidos, aponta para os passos encarnados pelo gênero na “era da conexão”. Este artigo é produto do trabalho de conclusão de curso defendido em julho de 2010.

**Palavras-chave:** Cibercultura; Telejornalismo; Contemporaneidade; Transição.

### **Introdução**

De que cenário emergem as mudanças no telejornalismo contemporâneo? Quais são as principais marcas do “novo” ambiente comunicacional construído sobre os impactos da tecnologia da informação? Como esses aspectos comparecem na cobertura dos acontecimentos diários? Este estudo aponta para a necessidade de compreender melhor o contexto em que essas questões estão inseridas, à medida que pretende oferecer aos profissionais da área e interessados no assunto, uma nova plataforma de reflexão e elucidações.

Com o objetivo de observar como os conceitos ligados ao universo da cibercultura comparecem nos telejornais através de novas linguagens e formatos, analisamos as edições dos quatro telejornais transmitidos em rede nacional pela Rede Globo, no dia 06 de abril de 2010: Bom Dia Brasil, Jornal Hoje, Jornal Nacional e Jornal da Globo. O critério de escolha das edições está vinculado ao forte apelo social da amostra e ao

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na Divisão Temática Comunicação Multimídia, da Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Estudante de Graduação 7º. semestre de Jornalismo do Curso de Comunicação Social da UVA. Email: joicreis@hotmail.com.

<sup>3</sup> Orientadora do trabalho. Profa. Ms. do Curso de Comunicação Social da UVA. Email: heloizareis@hotmail.com.

caráter potencial, que a cobertura da pior chuva das últimas quatro décadas no Rio de Janeiro, oferece para a identificação da aplicação dos conceitos elencados como parâmetros de exame: instantaneidade, velocidade, fragmentação e interatividade.

A escolha pelos telejornais da Rede Globo foi suscitada por observações profissionais que chamaram nossa atenção para as constantes orientações inovadoras que comparecem nas cartilhas e no discurso dos gestores que compõe a estrutura organizacional da emissora e de suas afiliadas. Essa observação empírica é ancorada na constatação feita por autores como Carlos Alberto M. Tourinho (2009) e Vera Íris Paternostro (2006), que atribuem o potencial inovador da Rede Globo à posição hegemônica que a emissora sustentou durante muitos anos, o que lhe conferiu maior margem para ousar.

#### **Telejornalismo em transição: um produto do dilúvio informacional<sup>4</sup>**

Espelhando um traço comum aos diversos gêneros dos programas de televisão, o telejornalismo tem, como uma de suas características identitárias, a constante evolução de sua técnica e formato, incluindo aí a linguagem. Conforme afirma Tourinho (2009), a partir das inovações, mais visivelmente as tecnológicas, mas não apenas estas, o telejornal foi agregando qualidade e agilidade até chegar ao atual formato, entendido por Fabiana Piccinin (2007) como uma estrutura em transição. Ao observar as mudanças pelas quais estão passando as duas instâncias que afetam o telejornalismo – a televisão e o jornalismo – a pesquisadora propõe que o gênero se encontra em um momento intermediário. De acordo com Piccinin (2007), de um lado o jornalismo vem sofrendo alterações, fruto da transição entre a Modernidade (e os valores racionais que lhe deram origem) e a sociedade contemporânea (marcada pela flexibilização dos sistemas e complexificação dos conceitos) enquanto, de outro, a televisão submetida à competitividade intensificada entre as indústrias culturais contemporâneas, à convergência multimídia e à transição em direção a digitalização, constituem novos condicionantes ao trabalho de produzir notícias para a mídia audiovisual.

---

<sup>4</sup> Em sua obra central, destinada à abordagem das implicações culturais do desenvolvimento das tecnologias digitais de informação e comunicação, Pierre Lévy, nos remete a idéia de “segundo dilúvio”, concebida originalmente por Roy Ascott e que faz alusão à metáfora do dilúvio bíblico, relatada no livro do Gênesis. Para Lévy, diante dos turbilhões da comunicação contemporânea, nos sentimos, como Noé, à deriva nesse mar informacional, preocupados em transmitir e recolher as informações essenciais que deveríamos salvar em nossa arca. Ver: LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. Tradução: Carlos Irineu da Costa. 1ª edição. São Paulo: Ed. 34, 1999.

Reforçando essa perspectiva, Ramón Salaverría<sup>5</sup> (apud Tourinho, 2009, p. 96), define o que é a seu ver o principal vetor das mudanças atuais:

“Sem dúvida, a maior influência foi o surgimento da Internet como uma nova plataforma de distribuição e consumo de vídeo. Isto gerou novos hábitos de consumo deste tipo de conteúdo e está provocando uma migração da audiência afetando tanto a televisão tradicional quanto outros suportes de recepção (...)”. (SALAVERRÍA, 2008 apud Tourinho, 2009, p.96).

Conforme constata Tourinho (2009), ao longo de sua trajetória de mais de meio século, o telejornal brasileiro experimentou a herança do rádio, criou a própria linguagem, ousou, inovou, estabeleceu padrões e desafiou os próprios paradigmas. Logo, são em tempos de “sociedade em rede”, quando o telejornal ganha uma série de ferramentas e revê seus métodos diariamente, que a observação dos fatores que contribuíram para o atual estágio do telejornalismo brasileiro se apresenta como um importante indicador das tendências dessa mídia audiovisual.

### **Do arranjo estático à construção hipermidiática**

O laço que une a história da TV e do telejornalismo no Brasil reforça a potencialidade do gênero como reflexo das principais transformações experimentadas por essa mídia nos últimos 60 anos. O Brasil foi o sétimo país do mundo a possuir uma emissora de televisão. Ela foi inaugurada no dia 18 de setembro de 1950, como PRF-3 TV Tupi, Canal 3 de São Paulo e pertencia aos Diários Associados, do empresário Assis Chateaubriand. Nesta mesma ocasião, nasce o telejornalismo brasileiro através do telejornal Imagens do Dia.

Conforme demonstra Tourinho (2009), a linguagem no telejornalismo começou a mudar logo que as primeiras edições foram ao ar. Nos seus primórdios (na década de 50), ela fora absorvida do rádio, com textos curtos e locução dramatizada. Não havia grandes preocupações, conhecimento e nem condição técnica de se pensar num formato em que a imagem fosse considerada elemento vital da formatação do produto telejornalístico.

Coube ao programa “Repórter Esso” a responsabilidade por estabelecer o primeiro modelo de telejornalismo no Brasil. Ao incorporar imagens de notícias internacionais, o programa deu início a uma nova etapa para a linguagem jornalística, que deixava um pouco de lado a quase exclusiva narração de notícias através de seus locutores e passava

---

<sup>5</sup> Diretor do laboratório de Comunicação Multimídia da Faculdade de Comunicação Social de Navarra, na Espanha. Depoimento colhido por Tourinho (2009), por e-mail em 21 de setembro de 2008.

e exibir “reportagens ilustradas”. Também é mérito do “Repórter Esso” o estabelecimento da forma pela qual uma câmera deveria enquadrar os apresentadores: o Plano Americano. Esses eram os primeiros passos para o fim da “Era do Rádio” na televisão.

Impulsionados por esse movimento, os “desbravadores” *Jornal de Vanguarda* (1962), na TV Excelsior, no Rio de Janeiro, e o *Show de Notícias* (1963), em São Paulo, inovavam na linguagem e introduziam alguma irreverência na apresentação, ao incluir jornalistas e cronistas (de jornal) como apresentadores de notícias. Tourinho (2009) atesta que essas iniciativas aposentaram o velho estilo radiofônico, ao deixar de lado o tom emocional para dar vez a algo mais próximo da objetividade jornalística.

O *Jornal Nacional* (JN) surge em 1969 para marcar definitivamente essa transformação de paradigma. Uma primeira mudança conceitual foi a incorporação da fala dos entrevistados nas notas, que até então eram lidas pelo locutor e ilustradas por imagens. Esse perfil inovador marcou a trajetória do JN e favoreceu o seu pioneirismo em diversas empreitadas. Conforme elenca Paternostro (2006), o *Jornal Nacional* foi o primeiro noticiário em rede nacional, gerado pela sede da TV Globo, no Rio de Janeiro, para as suas emissoras em vários pontos do país, ao vivo, associando a emissão por microondas e por satélite; o primeiro a apresentar reportagens em cores; o pioneiro em mostrar imagens via satélite de acontecimentos no mesmo instante em que eles ocorriam; e o primeiro a ter correspondentes internacionais.

Seguindo essa perspectiva, Tourinho (2009) atesta que outros telejornais da TV Globo inovaram em suas épocas. Entrando no ar em 1971, o *Jornal Hoje* teve o mérito de ser o primeiro telejornal em rede nacional a apresentar notícias de cultura diariamente. O *Bom Dia São Paulo*, criado em 1977, foi pioneiro na transmissão de notícias e prestação de serviço no início da manhã. O telejornal utilizou pela primeira vez, no jornalismo diário, o equipamento de UPJ, Unidade Portátil de Jornalismo, com repórteres ao vivo com *links* em vários pontos da cidade, trazendo informações sobre o tempo, trânsito, movimentação da cidade, aeroportos, etc. O formato deu origem a todos os *Bom Dia* locais, além do *Bom Dia Brasil*, em rede nacional.

Em 1980, o surgimento de duas novas emissoras dá fôlego a esse processo de construção e quebra de paradigmas estabelecidos no curso da história do telejornalismo nacional. Após uma longa greve de seus funcionários, a TV Tupi teve a sua concessão cassada e seus sinais foram entregues ao Sistema Brasileiro de Televisão (SBT),

pertencente ao apresentador e empresário Silvio Santos, e à Rede Manchete, da família Bloch. As duas emissoras foram responsáveis por algumas importantes inovações na televisão brasileira: a Manchete, principalmente na teledramaturgia, e o SBT, no telejornalismo.

A emissora do grupo Silvio Santos tem o mérito de lançar, em 1988, o TJ Brasil, primeiro noticiário que teve a figura do âncora – jornalista que dirige, apresenta, comenta, e opina sobre as notícias do jornal – importada dos telejornais americanos. Conforme afirma Paternostro (2006), o jornalista Boris Casoy – veterano da imprensa escrita – conseguiu em pouco tempo conquistar seu espaço: “o tratamento opinativo que ele imprimiu ao programa representou muitas vezes o sentimento da população” (PATERNOSTRO, 2006, p. 39). Tourinho (2009) observa que a Globo resistiu ao modelo opinativo, adotando a nova proposta de associar a notícia à análise de forma gradativa. No início dos anos 80, o JN apresentava a opinião de alguns comentaristas, esporadicamente, mas foi a partir de 1989 que a proposta foi ficando mais ousada.

Outra mudança significativa na linguagem do telejornalismo nacional diz respeito ao formato da reportagem, que sofreu alterações provocadas pela tecnologia. Conforme expõe Tourinho (2009) até a década de 80, as reportagens eram feitas com cabeça, passagem e encerramento<sup>6</sup>, embora não fossem obrigatórias todas as etapas.

“Aos poucos, a ‘cabeça’ foi praticamente extinta, partindo do princípio que não era dinâmico o ‘corte’ do apresentador diretamente para o repórter, e também por tirar da imagem – vocação maior do veículo – o privilégio de abrir a matéria. O encerramento (fechamento do repórter) também foi sumindo dos noticiários da Globo, substituído pela ‘nota pé’<sup>7</sup> na voz do apresentador” (TOURINHO, 2009, p. 116-117)

A substituição das câmeras cinematográficas pelas eletrônicas e sua maior facilidade de gravação e repetição, permitiram a alteração do desempenho do repórter no vídeo (aumentando sua evidência), reverberando ainda mais aspectos incorporados do formato de telejornalismo norte-americano. Outro aspecto, que nos primeiros anos da década de 90 representou um importante ganho de tempo para o jornalismo foi a informatização das redações. Com esse investimento, a possibilidade de conexão e a agilidade passaram a constituir marcas importantes no processo de produção da notícia.

---

<sup>6</sup> Sequência que prevê a presença do repórter no início, no meio e no fim da matéria.

<sup>7</sup> Nota lida ao vivo, pelo apresentador no final de uma matéria, com informações complementares à reportagem.

Na tentativa de oferecer um panorama mais amplo sobre as principais inovações que marcaram a trajetória do telejornalismo nacional, optamos por apresentar dois quadros esquemáticos concebidos originalmente por Tourinho (2009) e adaptados neste trabalho.

## Inovações no Telejornalismo <sup>8</sup>

### Quadro 1 - Inovações de categoria tecnológica

Episódio	Data	Impacto
Videoteipe	1960	Aumento na qualidade e quantidade de notícias.
Rede Nacional de Micro-ondas	1967-1972	Surgimento das redes nacionais de televisão.
Satélites	1969	Notícias internacionais ao vivo. Previsão do tempo.
Cores	1972	Qualidade da informação visual
Evolução de equipamentos de captação e exibição	-	Agilidade, qualidade e precisão no trato da notícia.
Informatização das redações	1990	Agilidade, qualidade e precisão no trato da notícia.
Cenários virtuais, vinhetas e grafismos	-	Atratividade e maior precisão da informação visual.
Transmissão com o uso de helicópteros e <i>motolinks</i>	1990	Agilidade, qualidade e precisão no trato da notícia.
TV digital (HDTV)	2007 Início no Brasil	Alta definição de imagens, portabilidade, mobilidade e interatividade. <sup>9</sup>
Convergência de mídias	2008	Interação do telejornalismo com as mídias tradicionais além da Internet, celular, etc.

### Quadro 2 - Inovações de categorias não tecnológicas\*.

Inovação	Período	Impacto	Estrutura**
Enquadramento Plano Americano	Década de 50	Modelo utilizado até hoje	Estrutura visual

<sup>8</sup> Tourinho (2009) esclarece que nos quadros seguintes, as inovações no telejornalismo são relacionadas em duas categorias: tecnológicas e não tecnológicas. O autor ressalta que a divisão, de cunho meramente didático, por vezes se mostra complexa, já que em boa parte das ocasiões, a inovação tecnológica vai influenciar outras categorias. Para as categorias não tecnológicas, Tourinho (2009) faz uma adaptação da divisão estabelecida por Hartley (1997), que para o estudo dos modos de endereçamento, dividiu os elementos integrantes de um jornal em Estrutura Verbal, Estrutura Visual e Narrativa da Notícia. Tourinho (2009) unifica em uma só categoria os elementos da Estrutura Verbal e Narrativa e cria uma nova para abrigar elementos ligados à organização, comercialização e logística que também afetam o telejornal (Estrutura Logística).

<sup>9</sup> Entendidos como atributos potenciais a serem explorados.

Mudança inicial de linguagem	Décadas de 50 e 60	Fim da herança radiofônica dos textos desconectados da imagem	Estrutura verbal
Locução / apresentação	Década de 60	Fim da locução dramática herdada do rádio	Estrutura verbal
Fim do vínculo do nome dos patrocinadores	Década de 60 e 70	Aumento da credibilidade	Estrutura logística
Presença do repórter no vídeo	Década de 70	Aumento da credibilidade	Estrutura visual
Formato de reportagem: passagem, contraplano, stand up	Períodos diversos	Dinâmica e qualidade de reportagem	Estrutura verbal
Novas mudanças de linguagem	A partir da década de 70	Evolução da linguagem do telejornal	Estrutura verbal
Telejornalismo em rede	Década de 70 JN - TV Globo	Fortalecimento do noticiário nacional.	Estrutura verbal
Reportagem investigativa	Década de 80	Qualidade da notícia/credibilidade	Estrutura verbal
Uso das unidades móveis de jornalismo	Década de 90	Cobertura de grandes eventos.	Estrutura logística
Jornalismo comunitário	Décadas de 80 e 90	Fortalecimento do noticiário regional	Estrutura verbal
Criação de editorias especializadas	Final da década de 90	Aprofundamento da notícia	Estrutura verbal
Jornalismo Seriado e Reportagens especiais	Final da década de 90	Aprofundamento da notícia	Estrutura verbal
Reconstituição de fatos com uso de videografismo	Década de 90	Qualidade e entendimento da notícia	Estrutura verbal
Telejornais populares de temática policial	1990-1991 Jornal Aqui e Agora – SBT	Sensacionalismo e dramatização	Estrutura verbal
Popularização do âncora no telejornalismo brasileiro***	1988 – Jornal TJ Brasil – SBT	Mudança na forma de se apresentar a notícia com opiniões e comentários.	Estrutura verbal
Trocas de comando Estrutura hierárquica	Períodos diversos	Influência direta na adoção de inovações	Estrutura logística

\* Nestas categorias foram incluídas as inovações que não tiveram como principal característica a tecnologia

\*\*\* Estrutura Visual: apresentação, cenários etc. Como o jornal é visto. Estrutura Verbal / Narrativa da notícia: Forma como a história é contada, edição, quadros etc. Como as notícias são passadas. Estrutura Logística: mudanças na organização. Fatores não explícitos que interferem na notícia.

\*\*\* Tourinho (2009) destaca que existiram experiências anteriores com a figura do âncora no telejornal brasileiro, mas foi com o TJ Brasil que o formato se popularizou.

### **Os novos espaços: o diálogo entre o telejornalismo e a cibercultura**

As novas tecnologias da informação trazem uma série de novos conceitos, ligados às práticas mais fluidas da sociedade contemporânea: instantaneidade, interatividade, fragmentação, velocidade dos processos, mobilidade, etc. Conforme afirma Marshall McLuhan (1974, apud TOURINHO, 2009, p. 137), há uma revolução em andamento, onde o ciberespaço<sup>10</sup> passa a ser o grande suporte das demais mídias, o espaço da convergência, “um grande rio com grandes afluentes, que recebe e devolve influências”<sup>11</sup>. Em meio a essas “águas tumultuosas” Paternostro observa que chegada de uma nova tecnologia é sempre um desafio, já que a inovação pressupõe abandonar um sistema já dominado e partir para o desconhecido, “é o momento da experimentação, dos erros e acertos, da busca de novos modelos e padrões”. (PATERNOSTRO, 2006, p. 64).

É nesse momento, em que no século XXI há uma mudança tão significativa instaurada pela nova experiência sócio-cultural, que “o advento da tecnologia informacional no jornalismo [constitui] um novo oceano, que precisa ser explorado, compreendido, pesquisado e vencido”. (BARBEIRO E LIMA, 2002 apud TOURINHO, 2009, p. 134).

Na obra *Esthétique de la Disparition*, ao evidenciar que as novas tecnologias privilegiam o fluxo de dados que circulam no ciberespaço de forma instantânea, Paul Virilio, (1989 apud LEMOS, 2002, p.78) propõe que as mensagens passam a ser regidas pelo reflexo e não pela reflexão ou a memória. Virilio ratifica ainda que o tempo real e a velocidade mudaram a relação do homem com o ambiente urbano, social e cultural. Em uma visão apocalíptica, o autor, acredita que essa lógica do instantâneo, sob a batuta do tempo real, transformou o usuário contemporâneo das teletecnologias em um receptor passivo, adaptado a responder a estímulos imediatos, imerso em um universo onde a circulação da informação processa-se de forma entrópica e virótica. Isto causaria uma compreensão parcial das situações às quais ele está exposto (imagens televisivas, informações do ciberespaço).

---

<sup>10</sup> Nomenclatura criada pelo escritor de ficção científica William Gibson em *Neuromancer*. Para Gibson, segundo Lemos, “o ciberespaço é um espaço não-físico ou territorial composto por um conjunto de redes de computadores através das quais todas as informações (sob as suas mais diversas formas) circulam” (LEMOS, 2002, p.136).

<sup>11</sup> Expressão apropriada da reflexão de Décio Pignatari (apud TOURINHO, 2009, p.137) sobre o pensamento de McLuhan. Na década de 70, Pignatari utiliza essa metáfora do “grande rio” para fazer alusão à televisão. Consideramos que sua reflexão pode ser atualizada com a apropriação dessa figura de linguagem pela internet, enquanto novo e revolucionário meio de comunicação contemporâneo.

Tangenciando as implicações desse novo arranjo espaço-temporal para a construção do telejornalismo contemporâneo Piccinin (2007) reforça que pela própria identidade imagética, no caso da televisão, as novas tecnologias promovem um “transporte” imaginário, “que garante através da imagem, associada aos infinitos recursos que disponibilizam o ‘aqui e agora’, a conexão instantânea com o acontecimento, a ponto da imagem do evento tornar-se tão ou mais ‘real’ que o próprio fato”. (PICCININ, 2006, p. 3). Nesse sentido, para Marcondes Filho (2002 apud PICCININ, 2007, p.3), a preferência pela transmissão ao-vivo, quando se trata de um fato de grande impacto, propõe ao telespectador a oportunidade de ver a história transcorrer na sua frente como se fosse um ator no desenvolvimento da mesma. A análise da cobertura realizada pelos telejornais selecionados por essa pesquisa torna explícita a aplicação prática dessa construção.

Desde a manhã do dia 06 de abril, os quatro telejornais analisados levaram aos telespectadores um caleidoscópio de imagens, que revelava, em tempo real, a situação caótica em que se encontrava a cidade do Rio de Janeiro. Através das imagens geradas pelo Globocop<sup>12</sup>, pelas câmeras da CET RIO<sup>13</sup> e da Concessionária que administra a Ponte Rio Niterói, os programas puderam informar e ambientar os telespectadores diante da realidade do dia. A dificuldade de estabelecer equipes em pontos-chave da cidade, ocasionada pelos transtornos no deslocamento foi amenizada pelo uso de recursos tecnológicos, em uma rotina que aponta para a consolidação de novas práticas. A partir de “uma nova versão da realidade, onde a informação vale mais [...], por estar em tempo ‘real’ em nossas casas, do que pelo valor informativo de uso referenciador ao mundo que vivemos” (PICCININ, 2006, p.4), o instantâneo é a condição substitutiva da alta qualidade. Os critérios e procedimentos tradicionais que garantem o padrão das imagens tornam-se flexíveis. Imagens enquadradas durante a transmissão, takes<sup>14</sup> bruscos e cortes imprevisíveis alimentam a tônica do imediato.

Seguindo essa lógica, os próprios cenários dos telejornais reforçam a sensação de que nada ou nenhum acontecimento importante escapará do espectro de cobertura. Essa proposta é evidenciada, na concepção inspirada em Ignácio Ramonet (1999), pelos

---

<sup>12</sup> Helicóptero da Rede Globo considerado internacionalmente, de acordo com a Memória Globo, como o mais completo helicóptero de ENG (*Electronic News Gathering*), sendo totalmente digital e HDTV.

<sup>13</sup> Área da Secretaria de Transportes da Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro responsável pelo monitoramento do trânsito da cidade.

<sup>14</sup> De acordo com Paternostro (2006) take ou tomada designa um quadro da imagem. Mudar uma take significa substituir aquela imagem por outra.

telões e monitores, dispostos por todo parte, onde a própria redação, com pessoas circulando ao fundo em meio a inúmeros terminais de computador remete “a rede à qual o programa está integrado, bem como sua rede de correspondentes; a multiplicação das conexões e a garantia de que qualquer coisa que aconteça no mundo será registrada e mostrada instantaneamente” (RAMONET, 1999 apud PICCININ, 2007, p.8). Até mesmo o cenário do “Bom Dia Brasil”, que destoa dessa perspectiva parece caminhar para inovações, conforme anuncia o diretor geral da área de Jornalismo e Esporte da Globo (DGJE), Carlos Henrique Schroder. De acordo com Schroder, nos próximos anos, os cenários devem seguir a linha dos regionais de São Paulo e Rio, com conceito de “imagens reais” (apud, Tourinho, 2009, p. 114).

Considerada por Reyes (2007) como uma importante “ficha simbólica”<sup>15</sup> responsável por grande parte dos desencaixes na atual modernidade, a informação tem por qualidade a capacidade de fluidez. Dentro desse contexto, Marcondes Filho (2002 apud PICCININ, 2007, p.8) julga que ao imprimir uma lógica pautada na velocidade, essa fluidez faz com que o mundo deixe de ser uma realidade que precisa ser investigada, explicada, conhecida, para tornar-se algo do qual se participa como um jogo de computador, algo que se assiste como um filme de aventura. Para o autor, revisitado por Piccinin (2007), esse aspecto é evidenciado pelo telejornalismo contemporâneo, tanto pela rapidez com que as emissoras trazem um fato ao público, quanto pelo ritmo de apresentação das notícias:

“O imperativo da velocidade resulta na condição da notícia com defasagem mínima entre o fato e a narrativa do fato, que denomina esta situação de “tempo zero”, onde o ápice de eficiência dos sistemas informacionais seria a retransmissão de tudo ao mesmo instante para que os telespectadores pudessem ser testemunhas oculares “(PICCININ, 2007, p.7).

O tom dado pelos apresentadores e repórteres na condução dos relatos feitos durante as transmissões ao-vivo que marcaram a cobertura do dia 06 de abril, evidencia esse discurso pressionado pela carga dramática e pela urgência de impressões. Nesse contexto, conforme alerta Marcondes Filho, a velocidade impõe uma cadência de relatos e opiniões, que traduz uma preocupação para o jornalismo contemporâneo. O autor supõe que por não permitir pensar, a velocidade está associada “à emocionalidade e ao

---

<sup>15</sup> Expressão cunhada por Giddens (1991) para referir-se aos “meios de intercâmbio que podem ser ‘circulados’ sem ter em vista as características específicas dos indivíduos ou grupos que lidam com eles em qualquer conjuntura particular”. (REYES, 2007, p. 26).

irracional” (FILHO, 2002 apud PICCININ, 2007, p.8-9), características consideradas desastrosas, por gerar potencialmente erros e juízos equivocados.

A relação entre o imperativo da velocidade e a reflexão feita por Maffessoli, ao propor que “o cotidiano vale mais pelas pequenas utopias do que pelas metanarrativas desconstruídas” (MAFFESSOLI, 1997 apud PICCININ, 2006, p.2) sugere uma explicação para o formato trabalhado na edição das matérias, onde

“as notícias são apresentadas, segundo uma lógica de troca de planos muito rápida, ao estilo da publicidade, o que produz um efeito de aceleração, que dificulta a percepção da audiência, além de demandar a fixação em minicenas, minirelatos, construindo narrativas rápidas e em tempo recorde”.(PICCININ, 2007, p.8).

Em um movimento desencadeador, essa dinâmica da estética contemporânea influi diretamente sobre o caráter fragmentário dos conteúdos. Paul Virillio afirma que “mais o saber cresce e mais o desconhecido aumenta, ou, melhor dizendo, mais se precipita a informação-número, mais nós somos normalmente conscientes de sua essência incompleta fragmentária” (apud LEMOS, 2002, p.78). Como num mosaico, os minirelatos vão sendo recortados e colados, num movimento que parece não contribuir diretamente para indagações mais profundas. Sobre essa questão, Bonner (2009) levanta duas problemáticas ligadas à prática telejornalística: o tempo e o público-alvo. Baseado nesses critérios, o apresentador e editor-chefe do principal telejornal da Rede Globo esclarece que o nível de detalhamento dos conteúdos está associado à complexidade dos assuntos e a familiaridade que se imagina que o espectador tenha com o tema.

Nesse sentido, a observação do *corpus* dessa pesquisa aponta para o que pode significar uma tentativa de minimizar a impressão de falta de “*background*” das abordagens. Mesmo diante da gama consideravelmente maior de notícias construídas a partir de “mini-cenas” e “mini-relatos”, o Jornal Nacional e o Jornal da Globo, por seu próprio perfil mais analítico; trabalharam a contextualização da temática das chuvas em uma matéria, cada um, com enfoques diferentes. Fazendo uma retrospectiva das principais catástrofes provocadas pelos temporais no mundo, nos últimos trinta anos, o JG deu um lastro internacional ao assunto do dia. Já o Jornal Nacional fez a opção por encadear a temática através da geografia, destacando como o relevo da cidade deixa o perímetro urbano vulnerável a enchentes e alagamentos. No final da reportagem o recurso “JN Memória” também contribui para dar extensão histórica ao assunto.

Outros elementos ligados à perspectiva de fragmentação, que parecem ser cada vez mais explorados pelo telejornalismo contemporâneo, dizem respeito à apresentação do conteúdo. O uso de imagens de satélite, mapas, com construções em 3D e simulações gráficas, fraciona a informação, ao mesmo tempo em que contribuiu para “didatizar” a explicação sobre a vulnerabilidade do relevo carioca, agravada pelos problemas de infra-estrutura do município. Mergulhado no universo das redes, marcado pela lógica do hipertexto<sup>16</sup>, numa proposta de apresentação da informação dividida em unidades básicas; o telejornalismo parece se apropriar desses elementos e recursos inerentes à linguagem da WEB. A utilização de telões e displays virtuais, ligada a uma proposta interativa corrobora essa observação, ao comparecer nas edições de todos os telejornais observados, seja para permitir a ligação com outros estúdios (Bom Dia Brasil), para convocação de “vivos” (BDB, Jornal Hoje, Jornal da Globo) ou exibição de ilustrações (Jornal Nacional, JG).

É nesse cenário que a interatividade se apresenta como uma característica fundamental da “cibersocialidade” contemporânea e como estratégia de conquista da audiência. Conforme salienta Piccinin (2007), além de estabelecer uma conexão com o ciberespaço, a convocação do telespectador torna-se uma preocupação das emissoras, também por conta da tendência do chamado Jornalismo Cidadão, que reforça essa proposta de colaboratividade. A partir da popularização de recursos tecnológicos como câmeras digitais, celulares e o próprio computador, os telespectadores são continuamente estimulados a contribuírem com os jornalistas por meio de relatos e histórias enviados através de fotos, vídeos, áudios e dos próprios comentários. Blogs, portais, fóruns e redes sociais tornam-se inclusive fontes de pesquisa e informação para esses profissionais.

Durante a cobertura do “dilúvio”, o uso de imagens enviadas por telespectadores, através do portal de jornalismo das Organizações Globo na internet (G1) corrobora essa constatação e pontua o destaque dado pelo telejornalismo contemporâneo a essa interface colaborativa. Adotando um formato diferenciado, os intervalos do Jornal Nacional foram antecidos por sequências de “flagrantes captados com telefones celulares, com câmeras digitais, que retratam o caos e o desespero que tomaram a região

---

<sup>16</sup> Termo cunhado por Theodor H. Nelson (1965). Corresponde a uma forma não linear de apresentar a informação textual, uma espécie de *texto em paralelo*, que se encontra dividido em unidades básicas, entre as quais se estabelecem elos conceituais. O paradigma hipertextual prevê a oferta de múltiplos caminhos para a construção do sentido a partir das escolhas do receptor. A expectativa dos estudiosos da TV digital é a de que essa nova linguagem potencialize as tentativas, já feitas atualmente, de uma produção mais flexível.

metropolitana do Rio de Janeiro”, conforme destaca a “cabeça”<sup>17</sup> lida pela apresentadora Fátima Bernardes (edição JN, 6 de abril de 2010). O Jornal Hoje também deu destaque a um flagrante impressionante feito por um internauta do G1, que mostra a queda de um motociclista dentro de um bueiro encoberto pela água.

Ainda nesse contexto, a utilização de fotos e pequenos vídeos dentro das reportagens reforça essa proposta de cooperação. Na edição do JN, imagens feitas pelo celular da jogadora de vôlei Fabi mostram o momento em que a água começa a invadir o Maracanãzinho, local onde a equipe treinava quando foi surpreendida pelo início das fortes chuvas. Outro vídeo enviado por um telespectador retrata a iniciativa de alunos de uma escola técnica que ajudam a retirar passageiros de um ônibus com água na altura das janelas. No JH, fotos enviadas por internautas ao portal G1 também agregam a matéria que faz um apanhado dos estragos provocados pela chuva até aquele momento. A tendência do Jornalismo participativo ganha destaque até mesmo em versões produzidas pelos próprios profissionais da área. Na edição do Jornal Nacional uma matéria feita com uma câmera amadora, pelo jornalista Márcio Gomes, enquanto se dirigia a pé até a sede da emissora, ilustra essa percepção.

Toda essa dinâmica desponta no investimento crescente dos telejornais em sites e nas novas plataformas digitais interativas. É no “ciberespaço” que o conteúdo exibido na TV ganha desdobramentos, versões exclusivas e onde as matérias de bastidores e diários de bordo despontam como atrativos. Por meio de formatos que já se tornaram mais comuns como enquetes e chats ou de espaços como “VC no JH”<sup>18</sup>, o internauta é convidado a fazer parte da rede a qual o programa está conectado. A possibilidade de “seguir” os telejornais no Twitter<sup>19</sup> também compõe esse arranjo interativo.

### **Considerações finais**

Ao observar os deslocamentos do telejornalismo sobre as “superfícies densas” do “dilúvio informacional” nos deparamos com vestígios de um gênero que parece empreender um movimento, cada vez mais fluido, de referência aos conceitos que caracterizam a configuração tecno-social contemporânea. Considerando as nuances elucidadas por essa análise julgamos relevante enfatizar alguns procedimentos que

---

<sup>17</sup> Termo usado para designar o *lead* (destaques) do conteúdo. É sempre lida pelo apresentador e dá o gancho do que será exibido sequência.

<sup>18</sup> Ver <https://login.globo.com/login/1731>

<sup>19</sup> Ver <http://twitter.com/jhoje>

podem ajudar a pensar a prática telejornalística na fase da comunicação e da informação digital.

Diante de uma estética fragmentada, onde se precipita a informação-número, uma conduta que parece comparecer como tendência no discurso das redações e pode ser uma alternativa para garantir a qualidade do conteúdo, diz respeito a “humanização do relato”. Conforme descreve Pereira Junior (2006) ao buscar o máximo de ângulos e nuances, não só para os sujeitos como para as situações abordadas, “a humanização recupera uma profundidade diante das coisas que pode revelar um compromisso com o mundo” (JUNIOR, 2006, p. 100). Diante de um arranjo que privilegia o enquadramento instantâneo e veloz, consideramos que, muitas vezes, o potencial da reflexão fica subentendido e perde a chance de “identificar-se numa visão mais compreensiva, [...] por meio de contextualizações muitas vezes reveladoras” (JUNIOR, 2006, p. 100).

Ponderamos ainda que a eficácia dessa conduta atenta para um aspecto que pode atuar como um diferencial: o aprofundamento da apuração. Para profissionais que vivem sob a urgência do tempo, “quanto mais fatos levantados com rigor, mais possibilidades narrativas são abertas”. Conforme enfatiza Pereira Junior, “(...) informação abundante dá lastro a narrativa” (JUNIOR, 2006, p. 148). Isso apenas reforça uma premissa para o jornalista contemporâneo, que em meio aos “turbilhões da comunicação” precisa estar muito bem preparado intelectualmente, já que o público se torna cada vez mais exigente, “não apenas pela expectativa de uma abordagem diferenciada do restante de informações disponíveis quanto também, pelo fato de estar cada vez mais amparado por informações preliminares ao assunto” (TOURINHO, 2009, p.225).

Nesse contexto, Brittos orienta que o telejornal deve ter consciência de que a credibilidade é o seu grande patrimônio e um importante ativo na busca de novos nichos de mercado pela conquista da audiência: “seu papel é o de ser o ordenador, o que apresenta a agenda de acontecimento, que até pode ser abordada por outros produtores de conteúdo, mas que deve ter no jornalismo sua abordagem séria e confiável” (apud TOURINHO, 2009, p.216). Ainda, diante de um cenário multimídia consideramos que um dos grandes desafios que a “comunicação 2.0”<sup>20</sup> impõe ao telejornalismo é articular a relação do “espectador” que passa a posição de “participante” na construção da notícia, através da colaboratividade. Sob esse aspecto Tourinho (2009) levanta questões

---

<sup>20</sup> Expressão que faz referência ao novo ambiente comunicacional mais dinâmico, instaurado na “era da conexão”, onde o receptor é convocado a atuar como produtor de conteúdo.

que já povoam o “arcabouço do novo paradigma da comunicação, ainda em construção: [...] todos podem ser jornalistas, comunicadores? E em relação ao conteúdo, quais serão as fronteiras?” (TOURINHO, 2009, p. 226). Com as perspectivas latentes da TV digital esse movimento se potencializa e parece irreversível.

Por fim, inspirados por Tourinho (2009) supomos que o maior diferencial na construção dos novos paradigmas do telejornalismo contemporâneo está na capacidade e no talento dos profissionais de retirar da tecnologia a melhor capacidade de ação, que atenda às demandas do novo arranjo comunicacional, mas reforce, ao mesmo tempo, o comprometimento do gênero com o compromisso social da informação.

### **Referências bibliográficas**

- BONNER, William. *Jornal Nacional: modo de fazer*. 1ª edição. São Paulo: Globo, 2009.
- LEMONS, André. *Cibercultura, tecnologia e vida social na cultura contemporânea*. 4ª edição. Porto Alegre: Sulina, 2002.
- PATERNOSTRO, Vera Íris; colaboração de Eduardo Marotta. *O texto na TV: manual de telejornalismo*. 2ª edição. Rio de Janeiro: Elsevier, 2006.
- PEREIRA JUNIOR, Luiz Costa. *A apuração da notícia: métodos de investigação na imprensa*. Petrópolis: Vozes, 2006.
- PICCININ, Fabiana. *O Telejornal de “intermezzo”. Questões sobre a TV e o Jornalismo em transição*. Encontro Nacional de pesquisadores em Jornalismo, 5., 2007, Universidade Federal de Sergipe, Aracajú, SE.
- \_\_\_\_\_. *Acontecimentos na televisão: rituais da pós-modernidade*. 2006. In: <<http://www.bocc.uff.br/pag/piccinin-fabiana-acontecimentos-na-televisao.pdf>>. Acesso em: 04 junho. 2010.
- REYES, Paulo. *Quando a rua vira corpo: ou a dimensão pública na ordem digital*. 1ª edição. Rio Grande do Sul: Unisinos, 2005.
- TOURINHO, Carlos Alberto Moreira. *Inovação no Telejornalismo: O que você vai ver a seguir*. 1ª edição. Vitória: Espaço Livros, 2009.